
Podcasting indígena e comunicação pelo equívoco: deslocamentos epistêmicos na produção da Rede Wayuri¹²

Evandro J. M. Laia³
Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP
Università di Roma La Sapienza

Resumo

O podcasting indígena, exemplificado pela Rede Wayuri, desafia as lógicas hegemônicas da comunicação ao articular oralidade ancestral com tecnologias digitais. Em um contexto de plataformização e invisibilidade midiática, esses podcasts emergem como práticas de resistência cultural e epistemológica. Através de narrativas sonoras enraizadas em rituais, línguas originárias e afetos, os episódios funcionam como arquivos vivos e instrumentos de memória coletiva. A proposta de comunicação pelo equívoco valoriza o encontro entre mundos distintos, sem buscar uniformidade. Ao privilegiar a escuta, o conflito e a diferença, essas produções constroem espaços cosmológicos de pertencimento e afirmação identitária.

Palavra-chave: podcasting; comunicação indígena; comunicação pelo equívoco; deslocamento epistêmico; narrativas autônomas

A plataformização reorganiza práticas culturais, econômicas e políticas em torno de infraestruturas como Spotify, YouTube e Apple Podcasts. O podcast surge como uma forma sonora digital que amplia a lógica do rádio, inserindo-se em um ambiente mediado por plataformas. Este contexto é especialmente desafiador para coletivos de mulheres, pessoas negras, LGBTQIAP+ e povos indígenas, historicamente marginalizados nos meios de comunicação. Em resposta, surgem redes de divulgação coletiva que produzem narrativas autônomas (Laia, 2023), articulando resistência algorítmica, cidadania comunicativa e colaboração.

O conceito de rádio expandido (Kischinhevsky, 2016) ajuda a compreender o podcasting como reconfiguração da linguagem radiofônica em mídias digitais, mantendo o áudio como centralidade expressiva, com interatividade e circulação multimodal. A produção se estende a grupos de WhatsApp, caixas comunitárias e plataformas de streaming, com potencial emancipador e decolonial (Chagas et al., 2021).

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Trabalho desenvolvido com recurso do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio de uma bolsa de Pós-doutorado no Exterior (PDE).

³ Pós-doutorando em Comunicação pela Università di Roma La Sapienza. Doutor em Comunicação, professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP E-mail: evandro.medeiros@ufop.edu.br.

A pesquisa de Chagas, Viana e Silva (2023) revela que, longe de promover igualdade, as plataformas impõem barreiras algorítmicas que favorecem grandes conglomerados. Podcasts independentes enfrentam invisibilidade e apropriação de dados. Redes como #OPodcastÉDelas, #LGBTPodcasters e #RedeNordestinadePodcasts surgem como estratégias políticas para driblar essas dinâmicas, disputando sentidos na esfera pública digital. Ainda que tensionadas entre autonomia e captura, essas iniciativas demonstram ativismo comunicacional e ressignificam o rádio como espaço de afirmação identitária.

O podcasting indígena articula tecnologias contemporâneas e práticas ancestrais. Durante a pandemia, coletivos indígenas usaram essas mídias para circulação de saberes e cuidado comunitário (Chagas et al., 2021). Esses podcasts integram sons da floresta, línguas originárias e narrativas coletivas, desafiando paradigmas eurocêntricos de produção e recepção. Parte da academia ainda aplica critérios universalizantes que ignoram as formas próprias de enunciação dessas comunidades.

A pesquisa de Chagas, Cruz e Bartniski (2021) analisa três experiências sonoras indígenas: *ÁudioZap Povos da Terra*, *Podcast Saúde no Chão de Aldeia* e *Podcast Wayuri*. Esses produtos afirmam modos de vida, reterritorializam saberes e criam redes de solidariedade. Elementos como rituais, cantos e línguas originárias revelam um deslocamento epistêmico frente à lógica monocultural da comunicação dominante.

Laia e Guimarães (2022) propõem uma comunicação ancorada na virada ontológica e na tradução xamânica — uma “comunicação pelo equívoco”. Inspirados no perspectivismo ameríndio, rejeitam o consenso e valorizam o conflito de sentidos. Nesse modelo, podcasts indígenas são mediações que ativam redes de cuidado e escuta entre humanos e não humanos, sustentando a diferença como valor.

A Rede Wayuri de Comunicadores Indígenas, criada em 2017 no Alto Rio Negro (AM), exemplifica essas práticas. Com apoio da FOIRN e do ISA, envolve comunicadores de 23 povos e atua em território de diversidade linguística. Produz conteúdos como o *Boletim Wayuri* e o programa *Papo de Maloca*, veiculados digitalmente e por rádios comunitárias. Durante a pandemia, criou séries como *Guardiões da Memória*. Embora os canais digitais tenham sido descontinuados em 2023, programas seguem no ar em rádios locais.

O episódio “Cerimônias e Ritos”, último da série Guardiões da Memória (Rede, 2023), reúne relatos de membros dos povos Baré, Tukano e Baniwa sobre rituais como o Dabucuri, o Cariamã e o Jurupari. Jovens comunicadores atuam como mediadores entre os anciãos e os ouvintes. O episódio alterna entrevistas, sons da floresta e trechos cantados, respeitando o ritmo e a oralidade dos entrevistados.

Destacam-se falas como a de Maria Célia Gilberto, que descreve o ritual de Cariamã com riqueza sensorial e afetiva, e de Jones Laureano Baltazar, que expressa a tensão entre tradição e modernidade, vendo o podcast como arquivo de memória. Reginaldo Diniz Menezes narra o Jurupari de forma performativa, enquanto Marivalda Laureano Xavier destaca a função cosmológica do Dabucuri, articulando território, festa e ecologia.

Conclui-se que o podcasting indígena, inserido na lógica da plataformização, desafia os paradigmas hegemônicos ao integrar oralidade, escuta e territorialidade com tecnologia digital. A Rede Wayuri exemplifica como a linguagem sonora opera como arquivo vivo, instrumento de memória e mediação identitária. Longe da padronização, essas práticas valorizam o conflito, a ambiguidade e a diferença, transformando o podcast em espaço cosmopolítico onde se comunicam afetos, saberes e mundos diversos — humanos e não humanos.

Referências

- CHAGAS, V.; CRUZ, E.; BARTNISKI, C. Ecologias de escuta e deslocamentos epistemológicos: experiências de podcasting em comunidades indígenas. In: **Encontro Nacional da Compós**, 30., 2021, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: Compós, 2021.
- CHAGAS, V.; VIANA, L.; SILVA, G. da. Podcasting e plataformização: táticas de resistência em rede. In: **Encontro Nacional da Compós**, 32., 2023, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: Compós, 2023.
- FERRAZ, F.; MELO, A. R. Wayuri: comunicação indígena, rádio e resistência no Alto Rio Negro. **Revista Brasileira de Estudos da Comunicação**, v. 10, n. 1, p. 45–64, 2024.
- KISCHINHEVSKY, M. **Rádio expandido**: convergência, mobilidade e interatividade. São Paulo: Annablume, 2016.
- LAIA, E. J. M.; GUIMARÃES, L. L. Comunicação pelo equívoco: tradução xamânica e virada ontológica em contextos ameríndios. **Revista Contracampo**, Niterói, v. 41, n. 1, p. 1–18, 2022.
- LAIA, E. J. M. Notas para uma ecologia das narrativas autônomas em audiovisual streaming: do Junho de 2013 à pandemia. **Mídia e Cotidiano**, v. 17, n. 2, 19 maio 2023.

LOZOVEI, C. **Comunicação indígena e direitos culturais**: a experiência da Rede Wayuri no Alto Rio Negro. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

REDE Wayuri. **Série Guardiões da Memória: episódio 5 – Cerimônias e Ritos**. [S.l.]: Museu da Pessoa; Rede Uairi; FOIRN, 2023. Podcast (37min). Disponível em: <https://soundcloud.com/wayuri-audio/serie-guardioes-da-memoria-episodio-5-mrn-cerimonias-e-ritos>. Acesso em: 4 jun. 2025.

VIANA, L.; CHAGAS, L. J. V. Categorização de podcasts no Brasil: uma proposta baseada em eixos estruturais. **OBS Journal**, v. 18, n. 1, p. 20–36, 2024.